



O médico Cícero Sinisgalli, fundador do hospital Nossa Senhora de Lourdes: novo andar para tratamento oncológico diminuirá ocupação de 90% para 75%

“Abrir hospital só na base do empreendedorismo é impossível”

Fundador do Hospital Nossa Senhora de Lourdes prepara-se para finalizar profissionalização da empresa

Regiane de Oliveira
roliveira@brasileconomico.com.br

Primeiro é preciso deixar algo claro. O médico Cícero Sinisgalli, 80 anos, fundador do Hospital Nossa Senhora de Lourdes, na zona sul de São Paulo, faz parte da geração que investiu em serviços para atender os gargalos do então Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). E garante que, enquanto estiver vivo, não vende sua empresa de jeito nenhum. “Você venderia um filho? Eu tenho seis, e um deles é o hospital”, afirma.

Agora, o empresário afirma que chegou o momento de profissionalizar a gestão e preparar a empresa para as novidades que devem chegar ao segmento hospitalar, inclusive, a possibilidade de abertura de capital. “Tenho cinco filhos, 15 netos e, em breve, um bisneto, claro que poderia deixar como está, mas o hospital

não é meu, ele é um bem social. E para que ele permaneça, tenho de despersonalizá-lo”, afirma. “Por isso, até o final do ano, vamos sair todos de uma vez.” Os herdeiros farão parte do conselho de administração, que também conta com cinco profissionais do mercado. O novo presidente já havia sido contratado, mas teve problemas em ser liberado de seu período de quarentena pela Philips.

A mudança no modelo do Hospital Nossa Senhora de Lourdes começou há 30 anos. Sinisgalli foi um dos primeiros a deixar o Inamps, sob ameaça de falência, e apostar no recém criado negócio de convênio de saúde, na década de 80. “Demorei uns seis meses para decidir e sair do Inamps, mas vejo que foi a decisão certa. Em São Paulo, com exceção dos hospitais beneficentes, temos poucos privados que continuaram apostando nos recursos do governo em boas condições financeiras.”

“

Demorei uns seis meses para decidir e sair do Inamps, mas vejo que foi a decisão certa. Hoje em São Paulo, com exceção dos hospitais beneficentes, temos poucos privados que continuaram apostando nos recursos do governo em boas condições financeiras

Cícero Sinisgalli

Mas com os planos de saúde, os hospitais enfrentaram o achatamento da remuneração, frente ao aumento do custo da tecnologia médica. “Na década de 1960, a tecnologia mais cara de um hospital era um aparelho de Raio-x”, conta. “Hoje abrir um hospital do zero, na base só do empreendedorismo, é impossível.”

O Hospital Nossa Senhora de Lourdes foi atrás de recursos para sua expansão. Em 2000, iniciou a venda de ativos imobiliários. No total, foram captados mais de R\$ 160 milhões, aplicados neste ano na reforma e expansão do hospital. O retorno ainda não preocupa o médico. “Faturamos R\$ 244 milhões em 2009 e vamos chegar a R\$ 270 milhões neste ano”, afirma. Para ele, o importante é que com a abertura do novo andar de oncologia, no dia 11 de novembro, o hospital passa de uma ocupação média de 90%

para 76%. “Agora vamos sossegar um pouco”, diz, garantindo ter mais terrenos para expandir no futuro.

A localização é outro fator que favoreceu o Hospital Nossa Senhora de Lourdes. “Somos praticamente um posto de pedágio para os clientes do Jabaquara”, diz Sinisgalli. Só o plano de saúde próprio do hospital, o Medical, conta com 56 mil vidas.

O concorrente mais próximo, o Hospital Santa Marina, há anos passa por problemas financeiros e foi vendido em 2009 para o empresário Silvio Miglio — dono da BSM Consulting —, por um valor estimado em R\$ 95 milhões, mais dívidas e tributos. Segundo apurou o BRASIL ECONÔMICO, a empresa ainda não conseguiu se recuperar e vive problemas como atraso de pagamento e alta rotatividade de funcionários. Procurado, o hospital não se manifestou até o fechamento desta edição. ■